

[05-0000173-Página 01 - envelope]

[Envelope com selos e informações datilografadas. No centro do envelope, em vermelho, manuscrito posterior: "Quito"]

Ill[ustríssi]mo S[e]n[ho]r

D[outo]r Paulo Moraes Barros

Avenida Bartholomeu de Gusmão nº 54

SANTOS

[05-0000173-Página 02 - envelope]

[Carimbo do correio de Santos, com a data de 6 de julho.]

[05-0000173-Página 03]

São Paulo, 5 de Julho de 1919.

Paulo.

Cumprimentos.

Depois dos ultimos factos relativos á sua filha e a minha pessoa, parece que seria ridiculo, ao iniciar o meu divorcio, escrever-lhe uma carta, onde justificasse esse meu proceder. Atendendo porem ao trato que Voce sempre me dis-

pensou quando foram boas as nossas relações,
julgo ainda cabível uma explicação. Mesmo
porque, creio não estar Voce bem ao corrente dos fatos. Apesar de Pae e de Ihe assistir toda autoridade, Voce jamais procurou intervir nem
no que discessi ao bem estar do casal, nem
ao que respeitasse ao nosso intimo viver. No
entanto, não posso admitir, que no tocante a
esta ultima parte voce fosse completamente ignorante, pois o contrario diz, uma carta que voce
escreveu ao meu Pae. Não me lastimo muito
dessa sua attitude, pois a mim me dava a intuição
de que voce me julgava capaz de por mim só me
haver na vida. Mas no desenlace que teve o meu
malfadado casamento, é bom que se apure as culpas. Ainda mais, eu encontrei a minha

[05-0000173-Página 04]

mulher na sua casa e Voce foi encontrar a sua
filha separado de mim e na casa de uma tia.
É forçoso portanto que se ponha tudo as claras e cada um assuma a responsabilidade que Ihe cabe.

Viria tranquillamente no Rio, onde apesar de
longe da familia e parentes, ia encaminhando
a minha vida, modestamente, como podia.
Não Ihe conhecia pessoalmente e ignorava que

tivesse filhas e – casadeiras. Já havia mais de tres annos que me formara. Neste interim recebi um pedido de Mimi, meu irmão, para que lhe mandasse o certificado da minha nomeação para professor livre da F[aculdade] de Medicina do Rio de Janeiro, trabalhos etc, que serviriam de ba- ze com que elle e Nhônhô iam tentar me transferir – e com vantagem – para S[ão] Paulo. Mandeí alguns escriptos meus, a certidão pedida, um parecer da congregação a meu respeito etc, sem de leve suspeitar do verdadeiro intuito do tal pedido. Tendo vindo a S[ão] Paulo trazer uma das minhas irmans, que eu tinha levado ao Rio afim de tratar da saude, fui sorprendido com a noticia, de que Você me convidara para um jantar em sua casa. Foi então que

[05-0000173-Página 05]

meu pae disse-me qual as intensões delle e os que animaram á familia Moraes Barros. Não tendo compromisso de especie alguma, embóra extranhasse o que me propunham, achei um certo sabor exquisito nesse modo a antiga, dos paes promoverem o casamento dos filhos. Por infelicidade, agradou-me a pretendida noiva. E levado por uma serie de sensações novas para

mim, deixei-me conduzir. A medida
porem que ia conhecendo a sua filha, fui no-
tando nella excentricidades. – Um dia pergun-
tando-me ella mesma, que pensava eu de festas
e bailes, respondi-lhe, que gostava e muito. Mas
um tanto ciumento, disse a ella que, uma vez
compromettido com alguem, não poderia achar pra-
zer em festas, onde esse alguem faltasse. Expon-
taneamente ella me disse, que tambem não mais
iria a festas onde eu não estivesse. Passados dias,
ainda não éramos officialmente noivos, ja o eramos
porem pelo mutuo compromisso, recebi d'ella uma
carta, contando-me que tinha ido a um grande
baile e que se divertira muito. Vendo a contra-
dicção entre o que ella mesmo me dissera e o que
acabara de contar, extranhei sobremodo e, si pa-
qui não seria ella a mulher que se offises-
se ao meu modo de ver as cousas. Éra

[05-0000173-Página 06]

tempo para voltar atraz e continuar a viver tranquillo
como antes vivia. Escrevi a ella uma dessas car-
tas difficeis de se escrever (pelo qual voce me
classificou de ciumento feroz etc) pedindo
devolvessemos as nossas correspondencias, pois a
minha tentativa, outróra baseada na mais pura
das intensões, não éra viavel. Não obtive respos-

ta, o que me admirou, pois a menor dose de amor proprio, indicava uma devolução imediata das cartas pedidas. Passados oito dias, escrevi novamente um cartão insistindo no meu pedido e fazendo ver os inconvenientes de retermos, um correspondencia do outro. Ainda não obtive resposta. Escrevi novamente; agóra apenas um cartão, onde até o meu nome riscara!.. Isto foi por fins de Novembro, começos de Dezembro de 1914. No dia de Natal desse anno, quando não mais pensava nessa minha tentativa de casamento, recebi de Leninha uma carta repassada de queixumes e um pedido que não insistisse em romper com ella. Extranhei os termos da carta e a achei de uma humildade sem por... (Posteriormente Leninha contou-me, que essa carta lhe fôra dictada). Não respondi. No dia 5 de Janeiro de 1915, de passagem para Pirassununga, do “Hotel do Oeste”, telephonei a ella, dizendo, me achar

[05-0000173-Página 07]

em S[ão] Paulo, trazer comigo cartas e retratos que d’ella possuia e que éra ocassião de cada um ficar com o que éra seu. Disse-me ella, que só eu indo pessoalmente levar as cartas d’ella e buscar as minhas. Não suspeitando de nada fui. Ella recebeu-me, atirando-se nos meus braços. Verdadei-

ramente transtornado só admitti como solução
pedil-a em casamento no mais breve tempo possi-
vel.

Estavamos noivos. Em sete
de Maio vim a S[ão] Paulo, a pretexto de passar
com o Paulo II o anniversario d'elle. A oito
realisou-se em casa do S[enho]r José Paulino um
grande baile e no Rio casara-se um meu
companheiro de trabalho. Não podendo ficar
em S[ão] Paulo, parti no dia 7 mesmo para o
Rio.

No dia 10 de Maio, recebi uma car-
ta de Leninha, dizendo que tinha se rea-
lizado o grande baile e que ella a elle com-
parecera. Não queria ir, porem V[ocê] a tinha
obrigado, allegando ser um Secretario, não
podendo porisso se furtar à Sociedade e
que devido a sua condicção de viuvo,
ella como filha mais velha, devia acom-
panhal-o. Foi obrigada a ir, dizia, e dera al-
guns pormenores da festa. Deante dessa
carta escrevi a V[ocê] como a situação indi-

[05-0000173-Página 08]

cava, lembrando o que de desagradavel ja se
tinha passado entre nos por causa de bailes etc,
e pedindo, que não mais a obrigasse a ir
a festas. Respondeu-me V[ocê] que apesar da
sua filha ser minha noiva, não tinha

abdicado os seus direitos de pae. Repon-
di e então em termos incisivos, deploran-
do o incidente e dando por desfeito o meu
compromisso de casamento com a sua filha.
(Disse-me posteriormente ella, que esta mi-
nha carta, chegando á sua casa quando Você
se achava ausente, ella a interceptara).

Qual não é a minha surpresa quando pas-
sados dias, recebo nova carta de Leninha,
dizendo que não fôra a baile nem a cou-
sa alguma e, que havia escripto aquella
carta, para me submetter a uma prosa (?)
e que antes de nos casarmos, eu teria que
passar por outras ainda!.. Não respondi,
quedei-me certo porem, que o meu casa-
mento estava definitivamente desfeito e
communiquei o facto aos meus paes.
Nova surpresa me reservava o mez de Ju-
nho, quando recebi de Você uma car-
ta dizendo que tinha lido parte da corres-
pondencia trocada entre eu e Leninha

[05-0000173-Página 09]

e que pela rudeza d'ella, receiava sobre o
nosso futuro. Com toda a lealdade es-
crevi a Você, dizendo que ja ha muito es-
tava conformado com a solução que me sug-

geria, que estava de pleno accordo em desmanchar esse casamento, acreditando que essa sugestão éra calcada na sua intelligencia, conhecimento pleno da filha, experiencia e consciencia enfim. Se fosse me dado um alvitre porem, lembrava, que não deviamos tomar resoluções tão radicaes, sem um entendimento a viva voz. Passados dias recebi outra carta sua, dizendo que o meu casamento não podia se realizar a 21 de Junho de 1915 como estava marcado, que ficara porem para mais tarde!... Não soube como julgar factos tão disparatados como os que vinha presenciando. Apenas resolvi feichar os olhos e sem medir consequencias nem ajuizar sobre cousa alguma e casar-me. Tinha um intimo prezagio que para o futuro ainda siria o desfructar uma vida tranquilla.

– Casei-me finalmente tendo conhecido minha mulher menos de um anno antes, após ter me encontrado

[05-0000173-Página 10]

com ella ella 10 vezes apenas e de ter procurado romper o contracto de casamento duas vezes. Só então fui

verificando, com a amarga experiencia de cada dia o grande passo em falso que havia dado. Durante tres annos e meio de casado jamais vi Leninha contente. Sempre revoltada contra tudo e contra todos, sempre tendendo a seguir em direcção opposta á aquella que a menor parcella de bom senso indicaria. Sob aquella mascara de meiguice e tom choroso, occultava de facto uma indole má. Oppunha difficuldades na realisação das mais insignificantes cousas, tinha o humor constantemente irritado e – porque não dizer – um certo prazer em contrariar o marido. O que foram as difficuldades para se escolher uma casinha e mobilia-a, não se descreve. Tudo ella achava ruim, tudo éra caipira; para ajuizar sobre um objecto e para por elle propender, só tinha um criterio – o custo caro. Mas nunca cheguei ter casa organizada. Não podendo dispende como um nababo, mui-

[05-0000173-Página 11]

ta cousa não se chegou a comprar, por ella só querer o que custasse caro.

Descontente com a casa não cuidava d'esta,
e, éra preciso que nas minimas cousas,
eu estivesse a cada passo intervindo.
De casinha nada entendendo, cheguei
eu mais de uma vez – parece caçôada –
até nisso a intervir e comemos do que
eu ensinava uma criadinha a fazer!.....
Não tendo o menor espirito de economia,
não sabendo cozer, aos poucos nas suas ves-
tes ia-se notando um certo desmanzelo e,
para que na sua propria roupa fosse pre-
gado um botão éra preciso que alguém
o fizesse, que se pagasse. A vida assim
tornara-se indiscutivelmente carissima.
Desculpava-lhe eu isto. Foi criada em
hoteis e pensões, jamais viveu a vida das
familias brasileiras. A educação que
teve foram uns europeis, porem jamais
vizou fazer d'ella uma futura dona de
casa. Ella se apresentava portanto com-
pletamente incapaz para dirigir o seu
lar, consoante o casamento que fizéra;
fosse millionaria, pudesse jogar tudo,
assim estaria bem. Veiu-lhe a gravi-

[05-0000173-Página 12]

dez. O seu descontentamento e mau hu-

mor augmentaram; o descaso pelo seu lar ainda tornou-se maior. Consigo então tocaram as suas irregularidades ao extremo. Em via de regra não se despia a noite para se deitar, estivesse com o vestido que estivesse, assim se atirava ao divam do meu escriptorio ou na cama e assim ficava. E só ao cabo de muito pedir, de ouvir muita grosseria, conseguia que se despisse. Isto éra todo dia. A gravidez naturalmente, a quem ainda solteira mal se aprumava, viera transtornar mais. Assim eu pensava, esperando pelo parto d'ella como pela redempção. Os factos nesse periodo são inenarraveis. Basta citar o seguinte, para se ajuizar da tormenta em que se vivia: Tendo ella recebido a mobilia que encommendara para a sala de jantar, durante a arrumação, collocou um faqueiro em meio d'uma das portas que davam para a sala. Vendo eu, que nesse lugar o movel difficultara a passarem, perguntei a ella onde queria que o collocasse. Disse-me que o deixasse; ella sabia onde devia col-

local-o. Insisti e obtive a mesma resposta.

Apesar disso desviei o faqueiro da porta e o colloquei contra a parede do quarto contiguo a sala. A noite, estando no meu escriptorio, ouvi barulho e percebi, que desciam a escada com alguma cousa muito pesada. Era Leninha, que grávida de oito mezes, descia com uma criadinha o faqueiro pela escada abaixo! Ralhei com ella por essa extravagancia e, com a criada, conduzi o faqueiro para o meu escriptorio, para onde ella o destinara.

Voltei a estudar e ouço então um barulho de quem quebra louças, no andar superior. Subi ás pressas e vou encontrar Leninha no meio dos destroços de um aparelho de toilet, cujas peças ella ia quebrando arremessando tudo contra as paredes e o assoalho! Conduzi-a ao quarto, procurei acalmal-a e fiz deitar-se. Estava fazendo aquillo porque eu a deixara grávida estar carregando moveis.... Temi com essa crize um abor-to e tambem pela sanidade mental d'ella. Approximava-se o parto. O pae d'ella partia em viagem de recreio.

[05-0000173-Página 14]

Das tias, essas mesmas dentre as quaes
houve agóra que se mostrassem mui
alviçoreiras em amparal-a contra a furia
do marido, não houve uma sequer que
se offerecesse, que fizesse o menor acêno,
para assitir a sobrinha, que ellas bem
sabiam incapaz de se haver por si só
em tal emergencia, que precisava de
qualquer modo ser assistida por uma
pessôa pratica, que a auxilliasse, que
lhe desse o conforto moral que ella ca-
receria. Houve no entanto uma pes-
sôa por bem idosa, doentia e que tinha
na sua casa, quasi moribundo no lei-
to um filho, que attendendo ao meu
pedido, partiu sozinha e foi ter de Pi-
rassununga ao Rio, para assistir Leni-
nha. Essa pessôa bem se vê foi minha
Mãi. Agravando-se sobremodo o esta-
do do meu irmão doente, minha Mãi
foi obrigada a deixar-nos antes do dia 12
de Maio, quando Quitinho nasceu.
No dia 20 desse mesmo mez morria
o meu querido irmão. Nascido o
filho, em Junho do mesmo anno
os meus paes foram até o Rio, afim de

[05-0000173-Página 15]

baptisal-o. Como éra natural se hospedaram em casa, onde passaram 15 dias.

Afóra mais uma temporada que Sylvia, minha irman, foi passar comnosco no Rio, a meu convite e para fazer um pouco de companhia a Leninha, não existe mais contacto algum da minha familia e minha mulher. Pois bem, essa gente, a quem ella só devia attenções, éra o objecto predilecto das suas imprecações: se minha Mãi fôra ao Rio, para assistil-a, porque eu pagara as despesas com o dinheiro d'ella Leninha; que minha Mãi havia levado com objectos seus uma mala que não restituira... sempre pequeninos causos, mesquinhezes.

Ainda agóra, ao partir para o Pau d'Alho, tanto fallou na tal mala – uma velha mala de mão, quasi imprestavel – que para continental-a comprei outra, sem alilás precisar. Costumava dizer, que, se o que tinhamos não chegava para vivermos, era porque eu desviava dinheiro para a minha familia; sempre estas mizerias a atormentar-me. De uma feita, em vespervas de nos separarmos, em

[05-0000173-Página 16]

casa do C[oron]el Salles, dizia a este e em minha presença, que elle bem sabia porque eu éra tão sovina: precisava de dinheiro para a minha familia e para as amantes. Esta linguagem, estes modos ella os tinha com grande desembaraço, modos e palavras tão improprios para uma moça, sobretudo para quem, como ella, fazia gosto dos seus oito annos de educação na Europa.

Prosseguindo na narrativa que vinha fazendo, logo nos primeiros meses após o parto, Leninha não teve mais leite com que amamentar o filho. Resolvei o pretexto de assistir a um Congresso Medico, vir até S[ão] Paulo em fins de 1916. Aqui, visto o menino pelo Galeno, este aconselhou que lhe dessemos ama de leite. Arranjou-se uma regular como ama, porem boa pessoa. Partimos após para o Rio. Lá continuou o mesmo viver irregular, as mesmas queixas, as mesmas malcreações, as mesmas questões de dinheiro sempre etc. Se as criadas nunca a puderam aturar, a ama tambem não poderia. Logo come

[05-0000173-Página 17] Imagem de cabeça para baixo

çou a se empicar com a ama. Éra preciso que a todo momento eu estivesse harmonizando, fazendo ver a uma e outra o que éra justo, afim de não privar o menino do leite que carecia. Mas Leninha cada dia se tornou pior. Uma noite, pela 1 hora, o menino acordou. A ama depois de ter trocado os paninhos deu de mamar a elle e o estava acalentando no berço. Eu estava acordado. Nisto Leninha se levanta de subito, corre para o quarto do menino aos gritos com a ama a quem agride a bofetadas... Corri a separar Leninha da pobre mulher que chorava desesperadamente. Não sei se foi uma manifestação epileptica, o que foi enfim. Só sei que a custo consegui Leninha voltasse para a cama e que a ama não deixasse a nossa casa aquella hóra da noite, o que aliás fez no dia seguinte. — Depois de tentarmos arranjar ama no Rio mesmo, pedimos para S[ão] Paulo outra ama. Foi desta vez uma rapariga forte, examinada — sangue e leite pelo Braz — que nos prestou bons serviços. Lá chegada, a mesma cousa se dava com ésta. Leninha em

[05-0000173-Página 18]

poucos dias começou a se implicar com a mulher, que pouco depois de um mez voltava a S[ão] Paulo. Tendo se empregado em casa de uma filha do Firmiano Pinto, esparramou aqui em S[ão] Paulo, que a moça com que estivera no Rio éra louca... Quando Sylvia minha mana esteve no Rio, um bello dia ao nos levantarmos como Leninha ficasse na cama e ja fosse quasi oito horas, estando me apromptando para ir para o trabalho, dei-lhe uma leve palmada, dizendo: “acorda dorminhoca”. Não sei como ella interpretou o meu brinquedo. O facto é que num verdadeiro impulso levantou-se da cama d’um salto e se atirou sobre mim furiosamente. Fiz ver a ella o desarrazoado da zanga e a desproporção da reacção d’ella, quiz acalmal-a, disse que estava brincando; mas não houve meios de acalmal-a. Passados momentos quiz me agredir outra vez; evitei, sempre procurando acalmal-a. Ao entrar porem, passado mais ou menos uma hóra, no quarto de toilet, ella que estava de dentro, desferiu-me um golpe com um grampo que tinha na mão. Então, sendo que não era mais

[05-0000173-Página 19]

possível estar com meias medidas, tomei-a energicamente pelos braços, tirei-lhe o grampo, fil-a sentar-se numa cadeira e ralhei como devia com ella. Desandou então a chorar, fez barulho e disse que viria para S[ão] Paulo. Vestiu-se e não quiz almoçar. Recomendiei a Sylvia que não dissesse uma unica palavra e o mesmo fiz eu. Após o almoço Sylvia foi para a casa de uma amiguinha e eu desci para o meu escriptorio onde passei o dia. Leninha com grande escandalo fez as malas espalhando tudo que lhe não interessava pela casa e após tomou um automovel e partiu com o filho. Por onde andou não sei. Ao escurecer chegou á casa, mandou abrir largamente o portão, collocar junto d'elle as malas e tudo isto, debaixo de imprecações terriveis, com grande espanto dos vizinhos, que não comprehendiam aquillo. Não jantou em casa. Eu e Sylvia assistiamos a essas scenas como dois mudos, como se nada tivessemos com o que se estava passando. Lá pelas oito horas da noite, um outro automovel estava parado na porta da nossa casa. Eu estava escrevendo no meu

[05-0000173-Página 20]

escritório. Nisto Leninha completamente paramentada para viagem, aproximou-se de mim e disse que vinha se despedir.

Disse-lhe então eu, que deixando ella a casa como deixava, não tinha que se despedir e que podia ir. Ficou a principio muito desconcertada e, após, num repente atirou-se a mim aos abraços, pedindo que a desculpasse. Aproveitamos o automovel para ir até a “Central”, nos desfazer da passagem que ella tinha comprado. Após fez questão que fossemos a um cinema.

Passamos alguns dias de relativa calma; logo porem começou outra vez com as suas irregularidades. Depois que batera na pobre da ama ficou valente. A todo momento dizia que não estava mais para tolerar ninguém: “se a tia Nhanhan já ameaçara de bater uma vez e ao Tio Nhonhô já havia dado um tapa, as outras não eram mais que estes”. E assim um certo dia quasi foi as vias de facto com uma costureira, tendo chegado em casa num assomo de cólera, contando o sucedido.

Em Maio de 1917 estando me preparando

[05-0000173-Página 21] Imagem deitada.

para um concurso adoeci de gripe e a conselho do P[rofe]ssor Austregesibo, resolvi passar no Pau d'Alho uma temporada. Como não quizesse perder tempo e estivessemos em vespas de nos mudar para o Leme, parti antes, deixando Leninha em companhia de Sylvia, esperando que os retoques na nossa casa terminassem e pudessem fazer a mudança. Era questão de dez dias no maximo. Leninha contudo deixou-se ficar no Rio 18 dias e partiu pra São Paulo sem mudar cousa alguma, tendo lá se demorado o tempo necessario para fazer vestidos e nada mais. – Uma vez em S[ão] Paulo deixou-se ficar em casa do Octavio Mendes e só foi para o Pau d'Alho quando já fazia um mez que eu lá estava e após eu ter escripto a ella em termos muito energicos. É verdade que eu não estava propriamente doente e apenas enfraquecido por uma gripe, excesso de preocupações e um pouco de estudos. Mas não era o conceito que ella fazia da minha saude, pois ao irmão e parentes dizia-me tuberculoso e escarrando sangue. Era qualquer outra murther que fizesse tal juizo da saude do

[05-0000173-Página 22]

marido seria a primeira a acompanhá-lo e o cercar dos cuidados que precisasse.

De volta a S[ão] Paulo não quiz seguir comigo para o Rio, queria ficar mais algum tempo. Apesar do inconveniente de ter ella de fazer viagem só cedi e parti. La estava eu, quando uma bella manhan, pelas dez horas e meia, entrou Leninha pela casa adentro blasphemando dizendo-me palavrões, que eu bem sabia que ella devia chegar e não fui esperá-la na Estação etc; d'ahi ter chegado só naquella hora, pois o choffeur andou dando voltas com ella. Fiz ver que ella não me havia escripto nem telegraphado como fôra sensato. Dizia ella que o Hominho havia telegraphado que eu bem sabia que ella chegara e que fizera de proposito. – Pelas onze horas chegou um telegramma, era o de Hominho e foi ella mesma que o abriu. Não se dando por vencida, disse que Hominho devia ter passado dois telegrammas.... – Hominho, quando o vi pela primeira vez após esse facto, disse que Leninha não

[05-0000173-Página 23]

queria que me avisasse por forma alguma, pois queria chegar de surpresa para ver o que eu estava fazendo! Elle havia telegraphado depois que Leninha embarcou. Dois mezes após, quando Córa foi passar connosco uns dias no Rio, as malas da mudança e as que Leninha trouxera de S[ão] Paulo, ainda estavam junto a escada, perto da porta de entrada da casa. E por ahi Você pode avaliar como ella se interessava pela casa.

Agóra a queixa não é mais contra a casa. Dizia que no Rio ella seria sempre assim e “cada vez peor” (sic.), que me mudasse para S[ão] Paulo. Este passou a ser o thema de todos os dias, o estribillo de todo momento. Leninha estava grávida e a espera do nascimento do segundo filho. A vida em casa continuava a ser o mesmo martyrio. Havia já uns oito dias, que se ella me fallava éra apenas uma ou outra cousa, para se queixar ou se mostrar zangada. Certa manhã, ao me levantar, ella disse que não fizesse barulho, que não acordasse o me-

[05-0000173-Página 24]

nino, que não é hora, uma coisa incrível, enfim. Nisto a criada entrou no nosso quarto com o menino já pronto para descer para o café... Desci mais cedo que ela; fui chamado ao telefone: era o Professor T. Brandão que me chamava a casa d'elle e eu disse que iria logo. Voltei a me vestir, quando ouço, isto pelas oito e meia, uma choradeira no andar térreo. Desci a ver o que era. Era Leninha. Tinham chegado Dona Bellinha Godoy e Judith, chamadas pelo telefone por Leninha, que sentia aproximar-se o parto. A mim no entanto não havia dito uma única palavra. Avisou-se a parteira e medico, pedi a Dona Bellinha, tudo em casa estando prevenido, que ficasse lá um pouco enquanto eu corria a casa do Professor T. Brandão, de quem eu estava tratando uma das filhas, que, posteriormente, veio a falecer. Em menos de uma hora eu estava de volta, a parteira já lá estava e o parto parecia só vir lá pelo meio dia. Tivemos tempo de almoçar; ás 12½ chegou o medico e pouco antes de 1 hora nasceu Elizinha

[05-0000173-Página 25]

Ella tinha sido tão injusta e perversa com a minha mãe, que não quiz abuzar da paciência d'esta, da sua extrema bondade, fazendo-a novamente vir ao Rio para assistir á nora. Aos demais parentes eu não me animaria pedir que viessem. Eis o que ella invoca para accusar-me de a ter abandonado no dia de nascer a filha.

Passado este periodo começou ella outra vez com as suas historias. Que se casara porque Você promettera que ella só ficaria no Rio um anno, que após trataria de me fazer mudar para aqui, que fôra enganada, que se soubesse que era para viver no Rio, jamais se casaria comigo e que se eu a quizesse ver diferente do que era, que me mudasse para S[ão] Paulo. É verdade, que ja em solteiro eu havia manifestado desejo de me mudar para S[ão] Paulo; mas naquella época, pesando bem as cousas, eu estava firme em permanecer no Rio pelas razões que adiante exponho.

Porem na vaga esperança de que ella aqui em S[ão] Paulo mudasse de

[05-0000173-Página 26]

indole e procedimento, de que pelo exemplo e conselho dos parentes ella pudesse me-lhorar, depois de muito reflectir, escrevi ao D[outo]r Franco da Rocha. Eu ia deixar o Rio e um começo de vida de alguns annos. Ia transportar-me para um meio completamente diverso d'aquelle em que estava vivendo, ferindo directamente os meus interesses, porque ia deixar dois lugares que me rendiam 800\$ por mez, por um de 350\$ aqui em S[ão] Paulo. Ambos os lugares que eu lá occupava, um dos quaes hoje victalicio e outro em vesperas de o ser tambem, rendem actualmente 900\$ ao meu substituto. Novas relações, novos conhecimentos, despesas de mudança, nada obstou que eu tomasse éssa resolução, uma vez que eu via nisso, uma vaga esperança de endireitar Leninha, por ter feito a vontade d'ella. Você mesmo, eu sei não éra de opinião que eu me mudasse. Depois de algumas difficuldades, Leninha partiu. Não quiz viajar pela Central, quiz vir por mar e veio. Terminados os

[05-0000173-Página 27]

ultimos affazeres que me prendiam ao Rio, parti tambem. Pareceu-me que Leninha tinha vindo contente. Chegando a S[ão] Paulo, a sua casa e inesperadamente, Leninha recebeu – com effusão, muito satisfeita. Slnhá então, deante da scena da minha chegada, teve para Leninha, mais ou menos estas expressões: “não acredito no que estou vendo, pois neste momento você estava fallando tanto mal de Quito”. E contou-me após, que Leninha tinha durante os todo o tempo se queixado, fallado dos maus tratos que eu lhe dava e, até que batia nella.... E, assim sempre fez. Quando eu pensava que tudo ia muito bem, Leninha, sem motivo algum, ia fallar mal do marido aos parentes. O que foram os dias que passei em sua casa você deve saber. V[ocê] viu no principio, quando a minha nomeação perigava, como ella procedeu, só fallava em nos separarmos e uma vez, até na sua presença á meza, fal

[05-0000173-Página 29 - imagem na sequência errada]

lou nisso. Depois foram as dificuldades para se arranjar uma casa. Arranjada esta, Leninha não ia lá, para ver o que se fazia e precisava fazer. Afinal em fins de Julho, estando pronta a casa, não havia mais razão para não nos mudarmos. Como Leninha oppuzesse dificuldades, resolvi a 28 de Julho mudar-me, indo apenas tomar as refeições em sua casa. E lá fiquei até 22 de Setembro, quando finalmente Leninha appareceu de mudança, queixando-se de Sinhá, a quem naturalmente fizera alguma das suas. Faltava ainda alguma cousa para a casa, porem ia-se comprar era impossivel, pois Leninha tudo queria em desaccordo com as suas posses; assim tapetes etc. Os passadores para a escada e corredores, que não se comprou porque ella escolheu um de 20 e tantos mil reis o metro, quando desde 5\$ o metro existe. Não encontrava criados que servissem e de 22 de setembro a tres de dezembro, quando partiu para o Pau d'Alho teve vin-

[05-0000173-Página 28]

te e uma criadas entre cozinheiras,
copeiras e amas seccas.

Por ocasião da gripe o que se pas-
sou em casa, não destoou do commum.

Deste tempo podem informar Córa e
Nônô que lá estiveram, attendendo
ésta a um meu pedido e, Córa, tendo
vindo expontaneamente. Porem não
devo deixar de me referir a alguns
factos. Tendo a irman e a tia vindo
nos soccorrer, pois que tambem eu es-
tive doente, Leninha foi para ellas de
uma ingratidão e malvadez sem par:
“Não tinha pedido a ninguem que se-
fosse metter em casa d’ella, que não
precisava de intrusas que só serviam
para por tudo em desordem e aborrecel-
a e, que se fossem embóra, que éra o
melhor que tinham a fazer”. Desobe-
decia a todos e as prescripções do me-
dico – o Galeno e de tal modo se tor-
nara malcriada, que um dia Córa
resolveu chamar Jorge, que viesse acu-
dil-as, porque não podiam mais com
Leninha. Jorge veio e reprehendeu-a
asperamente, dizendo mesmo que o

[05-0000173-Página 32] Imagem na sequência errada

para ella. Ja se passam déstes ultimos factos cinco mezes. Tive por essa occasião a oportunidade de ouvir a opinião, o juizo que sobre elles faziam alguns dos mais sensatos parentes de Leninha entre estes tios paternos d'ella. A grande culpada é ra Leninha. Houve d'entre essas a que me referi, que se lembrasse, de uns tres mezes que Juquery para corrigil-a. Reconhecendo como eu, que ella não tinha a sua esphera moral desenvolvida a ponto de poder avaliar a situação que se creára, de ser incapaz de sentir a tristeza da sua condição social futura e dos seus filhos, só uma privação de aspecto material, de prazeres, de bem estar, pudesse corrigil-a. Foram unanimes em concordar, que uns 6 mezes ou um anno de fazenda, fosse bastante por dar a ella um pouco de juizo. Prival-a materialmente, castigal-a emfim, em beneficio d'ella. Privações d'outra especie ella éra incapaz de sentir. Estavam de accordo com esta

[05-0000173-Página 33]

resolução, mas, quem seria capaz
de ir dizer a Você? Julgaram V[ocê] bas-
tante abatido por desgostos e doenças.

E ficaram, creio, como os ratos da
fabula, que descoberta a grande ideia
do guizo, não encontraram quem o
amarrasse ao pescoço do gato.

Você é foi além do mais desconhe-
cedor dos pormenores da triste historia
que lhe acabo de contar e portanto ja
esperava que desse razão a filha.

Porem sempre esperei do seu crite-
rio, que tendo de servir de juiz, como
fatalmente está servindo nesta ques-
tão, não chegasse a julgar, ouvido ape-
nas uma das partes; que não quizesse
me julgar um malvado commum,
que espanca a mulher, só porque isto
diz a sua filha, quando o facto não
foi presenciado por ninguem e eu
tenho sempre affirmado, que não
se passou como ella conta. Procu-
rei viver num verdadeiro isolamen-
to como tenho vivido e, vi decorrerem
cinco mezes, que se para a sua fi-
lha devem ter sido muito breves,

que, se para V[ocê] que não pode sentir
como eu hão de ter passado, mais
ou menos como os outros, para
mim representam uma eterni-
dade. Esperava a todo momen-
to como um vizonário por al-
guem, por voce, por quem mes-
mo – não sabia, que interviesse
no meu caso, pela sorte de u-
ma desajuizada e das duas
crianças. Porem nada. Ao
contrario d'aquellas medidas
lembradas, seja a principio a sua
filha passear aqui em S[ão] Paulo;
depois partir para Santos, para uma
estação cheia de banhos. Mesmo
assim esperei e pensava: o Paulo
não pode julgar sem me ouvir;
não pode desejar ver crescerem as
crianças, tendo os paes separados, sem
tentar corrigir essa situação. talvez
chegue a reconhecer que a filha
não pode ter as regalias, de uma
pessoa de identicas condições,
porque ella é mentalmente
defficiente, uma incapaz de se

[05-0000173-Página 35]

haver por si mesma na vida.

Sei perfeitamente que V[ocê] não a quer na sua companhia, como reconhece que ella devido á sua indole má não pode viver na companhia de nenhum parente, que muito menos que voce teriam obrigação de atural-a; porem, que vida lhe dar, senão na companhia do marido? Leninha mentalmente é uma doente, não tem capacidade para se manter só na vida, é preciso que alguém a ampare e de perto, porque d'outra maneira não vencerá á primeira dificuldade, cederá ao primeiro embate que a má sorte lhe offerecer. Como pois admittir a sua resolução, de deixal-a vivendo só em uma casinha e partir para a Europa, para longe d'estes aborrecimentos de familia? Não é da minha pessoa que se tratava e sim de acudir o interesse e bom nome de duas familias, de sealar pelo futuro de sua filha e minha mulher, que voce

não pode deixar de reconhecer como eu a venho apontando, incapaz e irresponsável e, pelo futuro de duas crianças, por infelicidade uma d'ellas menina. Voce pode bem avaliar como não era pela minha própria sorte que eu temia, pela hypothese de viver separado dos meus filhos, porque, desgraçadamente conheço bem Leninha e – ella entregue a si mesma, não tardará a entregar nas minhas mãos, não uma mas as duas crianças. Como pois consentio, diante um futuro tão arriscado, que as cousas tomassem a direcção accommodaticia que pareciam tomar, só porque um dia o casal brigou, tomando essa briga maior vulto porque Leninha abandonando a casa, foi ter com quem insensatamente lhe desse razão!

Sempre tenho pensado assim.

Mas, no isolamento a que me

notei[?] jamais chegou o menor indício, que do lado da minha mulher, do seu pae ~~do seu pae~~ naturalmente, a menor iniciativa houvesse. Se não percebi nada que pudesse interpretar como favoravel á minha situação futura, algumas hostilidades pequenas eu vinha sofrendo e cabisbaixo. Se da parte da familia Salles, de todos sem excepção, eu continuei a receber o mesmo tratamento, se da parte dos Moraes Barros homens, todos intelligentes, me parecia serem na minha situação factos apenas a se lamentar, o mesmo não se dava com alguns dos elementos femininos e com aquelles que embora masculos no porte, teem um character afeminado; refirome aos dois genros do Octavio, aqui residentes. Estes dois, sem personalidade propria, assimillaram naturalmente as ideias da sogra, que eu sei ser muito

contra mim. tem toma[?] infecções para o seu asoriado[?] corpo, aqui no meu consultorio durante mezes; o outro, quando em viagem de nupcias, no Rio, precisou de medico, e, fui eu quem foi ver a sua jovem esposa no H. Moderne. E, o que é mais interessante, no dia da partida, uma vez com a mulher a bordo de um navio do Loyd, verificou que a partida só se realizaria no dia seguinte. Estavam na expectativa de passarem um dia num pequeno navio, atracado num caes immundo, pois a mulher disséra a Leninha, que o marido só possuia o estrictamente necessario para a viagem de Santos a S[ão] Paulo e que, portanto, não poderiam voltar para o hotel. Foram para a nossa casa, jantaram, dormiram, almoçaram no dia seguinte e finalmente partiram. E é tudo quanto devo a esses dois typos, que agora se negam ao meu cumprimento e passam por mim de cabeça teza.

procedimento d'ella justificou a vinda do D[outor] Franco da Rocha e enfermeiros do Juquery. Enfim o que ella fez nessa occasião, podem informar todos os parentes que lá estiveram e nos visitaram. Não queria ir com os

filhos e marido se convalecer no Pau d'Alho. Com muito custo afinal partiu.

Lá com os outros procedia normalmente mas comigo éra a mesma de sempre, talvez peor, foi se julgar amparada e eu temer escandalos.

Estando eu completamente restabelecido, e precisando vir a S[ão] Paulo para ir cuidando da minha vida como Voce bem sabe, parti, deixando-a lá, depois de pedir muito que se demorasse o mais possivel, pois que com isso, as crianças, sobretudo Quitinho só tinham que aproveitar. Tendo eu partido no dia 7 de Janeiro, no dia 12 tive carta d'ella. contando que estava disposta a vir tambem para S[ão] Paulo, porque a fazenda estava cacetissima e, que talvez viesse no dia 14. Não sem nesse dia e a 15 recebi uma carta d'ella dizendo que

[05-0000173-Página 41]

de facto desejava vir, porem a seu pedido, resolvera ficar por mais algum tempo e pedindo-me, que mandasse uns sapatos fortes para ella, que não podia passar sem exercicios e uma porção de cousas para si e para as crianças. Deante d'esta carta fiquei mais satisfeito, pois Leninha resolvera se demorar na fazenda, o que seria muito conveniente para as crianças. Domingo 19, porem, chegando após o almoço, em casa, as 2 horas, attendo ao telephone o Maneco, que me conta estar Leninha na casa dos avós e fazendo grande barulho, porque eu não fui esperal-a na Estação. Dizia ter me avisado por telegramma. Admirado disse ao Maneco, que não havia recebido cousa alguma. Foi Maneco que me disse então, que procurasse aviso, que talvez o telegramma estivesse retido na Estação da Sorocabana. De facto, estando eu em casa sem empregados, o estafeta não me encontrando, deixou atravez a grade do jardim um papelucho que lá estava junto ao portão, no meio de reclames de cinemas etc. Apesar d'ella ja ter soffrido no Rio as

[05-0000173-Página 42]

consequencias de chegar sem me avisar, não se corrigiu, (como não espero que ella se corrija de cousa alguma) e partiu sem me avisar com tempo, por carta como éra natural. Não se rendeu deante a evidencia dos factos, deante do aviso que ella teve na mão e escreveu a V[ocê] que eu propositalmente não tinha ido esperal-a.

Veu do Pau d'Alho fazendo taes intrigas de V[ocê] comigo, que resolvi, lá pelo quarto dia após a vinda della, escrever uma seria carta a V[ocê]. Tendo porem mostrado a carta a ella, compreendendo o mal que fizera e intimidada começou me agradar, para que eu não deitasse a carta no correio.

– Esta carta eu li para o avô d'ella e Nhô-nhô, quando estiveram em casa. – Todas as noites iamós á casa de D[on]a Ritinha, então doente. Durante o dia, eu estava no meu consultorio; as 5, 5½ horas porem voltava. Éra certo não encontrar Leninha em casa. Perguntava ás criadas pela patrôa, respondiam – sahiu. As criadas pouco entendiam dos serviços; apenas uma vinda do Pau d'Alho estava mais ao par das suas obrigações. Porem ésta éra uma criança

[05-0000173-Página 43]

Quitinho começou a piorar dos intestinos.

Quando eu chegava da rua, não encontrava

Leninha, as crianças tinham que jantar,

ella não havia designado jantar para elles

e mesmo as vezes falta o que se lhes

fizesse. Após muito esperar, lá pelas 7½

vinha chegando para jantar. Fazia ser a el-

la, que tinha o dia todo para sahir, porem

que a hóra d'eu chegar em casa, queria en-

contral-a. Era peor, no dia seguinte capri-

chara em chegar mais tarde, dizendo que

precisava fazer exercicio, não nasera para es-

tar preza dentro de casa que durante o dia

fazia calor e que só ao escurecer podia

passar. Perguntava-lhe eu, naturalmen-

te por onde tinha andado, respondia: "que

te importa, por ahi". No dia 29 justa-

mente, tendo eu uma empregada para

encerrar o consultorio sahi cêdo de casa.

Quando fui almoçar, Leninha a pretesto

de qualquer cousa, fez uma das suas scenas

habituaes, porem que muito me aborreceu.

Pelas 4½ da tarde appareceu-me no

consultorio. Ao entrar foi dizendo: pen-

sei que isto aqui tivesse gentes. Óra vo-

ce pode avaliar como deve ser doído quan-

[05-0000173-Página 44]

do em dificuldades no começo da vida, justamente de quem devíamos esperar animo, encorajamento, ouvir-se ao contrario essas cousas. Pediu-me dinheiro pra fazer mais comprar para a criadinha. Fiz ver a ella que já tinha gasto muito em compras para a Maria Eliza, que por enquanto bastava e que esperasse para o outro mez. Se quizesse de todo fazer compras que gastasse do que eu já lhe havia dado. Foi o bastante para que fizesse uma d'essas scenas tão proprias d'ella – o dinheiro que eu tinha era della, dizia; eu era um simples miseravel, bandido, que se casára com ella por causa da fortuna d'ella, que eu era um vadio e cousas mais disse desse paez. E sahiu dizendo que iria a Casa Moraes Burchard, tirar dinheiro, dinheiro que era d'ella. Cheguei em casa, e tal qual como ella vinha fazendo, tambem nesse dia não estava lá. Chegou finalmente quando eu a estava esperando para jantar, passadas as 7½ horas. Depois da scena que foi a do consultorio, esperei que ao menos nesse dia nada mais houvesse. Pois bem, foi se sentando a meza e me dizendo – passeei, fiz isto e aquillo, e es-

[05-0000173-Página 45]

tive com o Penteado na cidade...

Se quando noivo eu me mostrei ciumentoso, depois de casado, porem, nunca tive ciumes. Ao contrario. V[oce] chegou uma ocasião a me advertir, que eu não devia deixar Leninha andar só pela cidade. Pois bem, essa historia do Penteado éra uma das mais ao sabor d'ella. Atirava-me com o nome d'elle, para em comparações me deprimir, mal-dizendo a sua deliberação de impedir esse casamento d'ella. – o Penteado sim, esse teria sabido comprehendel-a, com esse ella viveria etc... É excusado dizer, que nunca dei importancia a essas maluquices. Nesse dia, ella não satisfeita com o que me havia feito por ocasião do almoço, de ter ido ao meu consultorio so para brigar, de ter voltado para a casa a hora que voltou, por um requinte de malvadez – pois pensara me fazer ciumes e soffrer, – vem me fallar no Penteado. Não dei porem, como das vezes anteriores importancia ao que ella dizia. Após o jantar fui até o portão do jardim. Estava lá, quando me lembrei que o seu amigo da S. P. R., me havia dicto, que de quando em vez apparecesse, pois que

[05-0000173-Página 46]

de um momento para outro elle poderia ter oportunidade de me attender. Como largo do Paysandu fosse ali perto, tomei o chapéu e fui. Não encontrando quem eu procurava, estive sentado um pouco no jardim do largo. Pelas 8 2/4 horas resolvi voltar para casa. Não encontrei Leninha. A cozinheira me disse que a patrão tinha sahido. Pelas dez horas vieram as criadas me pedir roupas de cama para ellas, de que precisavam e as chaves para fechar os portões e a porta da rua. Estive medi-

tando a que eu estava reduzido depois de tres annos de casado – a ter uma mulher que tornara a minha existencia em um verdadeiro inferno em vida. Mas tinha supportado muito e, sempre na illusão de que ella um dia pudesse endireitar, continuaria na mesma resignação.

O ultimo facto porem éra inedito – sahir de casa a noite, se, deixar dicto para onde ia e carregando as chaves, a indicar que eu não devia ir procural-a.

Eu teria amargado mais este travo[?], se ella ao menos, ao se recolher á casa, fosse direita para o seu quarto e houvesse

[05-0000173-Página 47]

me deixado em paz. Procuraria, como sempre fiz, fazer ver a ella, que não estava procedendo direito. Não fez assim infelizmente. Eram já quasi onze horas. Eu estava no meu escriptorio esperando que Leninha voltasse. Nisto ouço um barulho na porta da rua. – éra Leninha que entrava. Em vez de seguir para o seu quarto, foi ao meu escriptorio. Abriu a porta e sem ao menos me dizer boa noite, foi gritando insolentemente “porque não me foi buscar?” Espera, respondi-lhe, não grite. Ella disse-me mais qualquer cousa e ia voltando-me as costas. Foi então que, dizendo-lhe, “perdão, se ha quem mereça sensura é você e uma vez que veio até aqui, espere por que tens que ouvir”, tomei-a pelo braço e fiz entrar para o escriptorio. – Éra demais o que ella havia feito nesse dia e uma vez que ainda veio provocar-me no meu escriptorio, que ouvisse o que tinha de ouvir. Porem ao se sentir tomada pelo braço, investiu furiosamente contra mim. Ella vinha envenenando a minha existencia pondo a prova a maior das paciencias e eu vinha supportando tudo

[05-0000173-Página 48]

ja havia 3 ½ annos. Eu não suspeitava absolutamente nada d'ella, como creio que as suas ameaças por occasião do jantar, eram apenas uma perversidade a mais. Mas o seu intento, com as ameaças e o seu acto de sahir a noite, éra, suppondo-me occultar um ciume terrivel, excitar-me, fazer mal. — E embóra a animasse as mais puras intensões, não está no meu feitio, ser um marido, cuja mulher sahe a noite só carregando as chaves da casa, para voltar as deshóras. Não sou um covarde, nada ha na minha vida que prove o contrario, não sou nenhum feróz espancador de mulheres, mas tambem não sou um santo que resignadamente, mansamente se deixe bater pela mulher. Sahiu após pela rua a fóra, não sei até onde foi. Passados uns cinco minutos voltou, apanhou o chapeo e a bolsa que ficaram no meu escriptorio e disse que se ia embóra — por meio de palavroes —, atirou me ainda um socco que eu apenas desviei. Ja sahindo, voltou e se di-

[05-0000173-Página 49]

rigiu ao quarta das crianças. Percebi

que ella descia com alguma d'ellas.

De facto trazia o pobre do Quitinho, ape-

nas com uma camisinha de dormir e

queria leval-o. Interceptei-lhe a sahida

porcausa do menino, que entregou sem

relutar. Disse que se ia. Tive a i-

deia de feichar-lhe a porta e fazer que

subisse para o seu quarto. Porem,

dizendo-me ella que se ia embóra, tive a

visão de haver chegado o termo d'aquella

vida infernal. Se a felicidade, para o res-

to da minha vida embora, fosse uma u-

topia, ao menos uma paz physica, ma-

terial, eu poderia desfructar. A vida co-

mo Leninha m-a fazia, ninguem po-

de desejar. Ia-se embóra, pois que fosse.

Reflectindo porem, vi que ella poderia

ter se dirigido para a casa de algum

parente sensato, que ao menos, antes

de retel-a, tratasse de se informar do

ocorrido, e estive esperando com a

casa aberta até 1½ da madrugada.

No outro dia soube que ella estava

em casa de Eliza... Por occasião

do almoço o C[oron]el Salles esteve lá em casa

[05-0000173-Página 50]

Conversamos muito. contei a elle então, que no Rio ella ja havia feito a mesma cousa, apenas não encontrando em ninguém apoio ao seu procedimento em menos de doze horas estava em casa, como se nada de anormal houvesse havido.

O C[oron]el Salles disse-me ao nos apartarmos, que ia diligenciar, para que a netta voltasse para a minha casa. As cinco horas, chegando em casa, não encontrei as crianças; Leninha, depois de se informar pelo telephone que eu havia sahido, tinha mandado buscal-as. Não suspeitando de tal, eu havia sahido sem tomar precauções. Desesperado tomei um auto e fui buscar as crianças. Em casa de Eliza, fui ter logo com Leninha, dizendo-lhe que os meus filhos deviam ficar comigo, em minha casa e, que se ella quizesse ficar com elles, que fosse tambem para lá. Mandeí a criadinha por tudo que éra das crianças no automovel o que ella fez e, tomando o Quitinho, levou-o também para o auto. Leninha assistia a tudo

sem a nada se oppôr. Quando porem lhe pedi a filha, se oppoz, agarrou-se a criança e defendeu - para que eu nem ao menos a tocasse. Só este facto, se toda a vida de Leninha não fosse a mais acabado observação de uma criatura cuja moral não se desenvolveu normalmente, éra o bastante para provar esta affirmativa. Á menina, que é uma criaturinha sa dia, engraçadinha, bonita como um bibellot, ella se agarrou e reteve. O pobre do Quitinho feiozinho, doentio, retardado, ella deixou partir, sem sequer uma unica palavra ou gesto de opposição. Uma verdadeira mãe teria se agarrado ás duas crianças e talvez mais ao Quitinho, que éra o doente e que ella devia suppôr precisar mais dos seus cuidados. A sua irman Nhanhan, que jamais se metterá na nossa vida quando teria podido nos servir, lá estava em casa de Eliza – “expressamente para evitar que eu levasse as crianças”; agradeça a ella e Eliza, a solicitude com que se mostraram n’essa occasião, e a parte que a ellas deve caber, no resultado final

[05-0000173-Página 31]

d'esta questão. Que diferença do proceder de Julia e Nhozinho, no Rio, que solicitadas aos gritos exagerados de Leninha pelo telephone, disseram que iam lá etc, mas, deixaram-se ficar em casa, no outro dia Leninha estava as boas com o marido. E eu não posso jamais deixar de querer bem a estes dois.

No dia seguinte Nhônô foi me procurar, afim de que eu entregasse o menino á mãe. Fiz ver a elle como me seria doído me separar de uma só vez dos meus dois filhinhos. Passados dois dias, voltou com o C[oron]el Salles. Disse-me elle que eu entregasse o Quitinho e que elle se incumbiria, de fazer Leninha partir para o Pau d'Alho com as crianças. Cedi e no dia immediato fui com o C[oron]el Salles levar o menino para a casa do Octavio Mendes e logo soube que Leninha não mais iria para o Pau d'Alho, porque tia Isaura partira de lá etc. Soube posteriormente, que V[ocê] vindo do Pau d'Alho, Leninha estava em sua companhia e que se tratára de arranjar uma casa.

[05-0000173-Página 39]

Estes pobres zinhos, ao que me parece, apenas reflectem como espelhos, o estado de animo que por ahi vae contra mim e mostram-me, como não devo esperar qualquer iniciativa que me seja favoravel.

Que fazer finalmente? Ir por exemplo a Voce pedir que me desse por qualquer modo uma das crianças, o Quitinho, naturalmente, porque este seria o unico meio que eu via, de privando Leninha de um filho corrigil-a e fazel-a vir a mim? Deante da sua attitude, me pareceu pouco viavel esta hypotheze. Cruzar os braços deante dos factos e mostrar-me conformado, tambem não é possível. Chegado a este ponto, desesperançado em absoluto, lancei mão do ultimo recurso.

Procurando divorciar-me, disse ao meu advogado, que fizesse o possivel por obter o desquite amigavel e que nestas condições eu apenas desejo que me

[05-0000173-Página 51]

seja entregue o filho mais velho,
que tem agora tres annos. Sobre
o restante eu não faria questão
alguma. E é o que eu venho
dizer agora.

Quito

São Paulo, 5 de Julho de 1918

(rua Libero Badaró nº 140)

Lista de apelidos:

Ana Maria de Moraes Burchard / Anna Maria de Moraes Burchard – Nhanhan / Nanhã

Antonio de Moraes Barros – Nhonho / Nhônô

Francisco Vieira de Moraes – Quito

Helena de Moraes Barros – Leninha

Leonor de Moraes Barros – Nonô / Nônô

Manuel Elpidio de Queiroz – Maneco

Maria Luiza Quirino dos Santos – Sinhá

Paulo de Moraes Barros Filho – Hominho

Prudente de Moraes Filho – Nhosinho